

ESTUDO BÍBLICO NA 3ª SEMANA DO ADVENTO ANO B 2020

Comunidade Católica Paz e Bem

SEGUNDA-FEIRA

Nm 24,2-7.15-17 – Mateus 21,23-27

A PROFECIA DA ESTRELA

"No povo de Jacó brilha uma estrela, um chefe empunha o cetro de Israel"

1. A profecia: *Avança a constelação de Jacó* (Nm 24,2-7.15-17)

Começemos contextualizando a passagem

Conta-se, no livro dos Números, que quando o povo de Israel, liderado por Moisés, já estava a ponto de chegar à terra prometida, teve que acampar nas estepes de Moab (22,1; oxalá se lesse por conta própria todo o relato de Números, do 22 ao 24).

O então rei desta região, Balac, que tinha conhecimento do último combate e da vitória dos israelitas sobre os amorreus, decidiu, preventivamente, contratar um profeta independente, trazido do oriente (de Aram, cf. 23,7), a fim de que fizesse uso de suas artes mágicas contra o povo de Israel.

Deste modo, o profeta Balaão entra em cena. Tinha como tarefa, não só evitar a ruína de Balac, invocando bênçãos sobre o que o contratou e maldições sobre o inimigo, mas, em última instância, impedir a completa realização do êxodo de Israel.

Agora sim, vamos direto ao texto

O profeta Balaão tenta, em quatro ocasiões, cumprir com sua tarefa, porém, não consegue. Trata de cumprir seu contrato, mas, em cada ocasião, Deus inverte as coisas: em lugar de maldizer, o que faz Balaão, inspirado por Iahweh, é enviar grandes bênçãos a Israel.

Apesar de ser um profeta saído da obscuridade, Balaão é um tipo honesto, deixa Iahweh tomar posse dele e diz a verdade, sobretudo, apesar de ter sido pago para que profetize segundo os interesses de quem o contratou. Por isso, é interessante notar, no texto de hoje, o respectivo crédito profético que recebe, o qual se repete duas vezes na passagem: ***"profecia do homem clarividente que escuta palavras de Deus, e conhece os planos do Altíssimo; que tem visões do Todo poderoso, e cai em transe e se lhe abrem os olhos"*** (Nm 24,3-4 e 15-16).

No marco destas palavras se introduzem duas profecias, as mais altas das quatro que pronuncia Balaão, sobre o futuro de Israel:

- **1º oráculo** (24,5-7). Balaão prediz prosperidade a Israel em todos os sentidos: a nível urbano o sinal são suas construções, a nível rural, a fertilidade das plantações. A glória de Israel cruzará, inclusive, as fronteiras, já que, de sua descendência, anuncia a vinda de *"um herói que dominará povos numerosos"* (v.7);
- **2º oráculo** (24,17). De novo Balaão prediz exaltação para Israel. Com a visão da estrela e do cetro aponta para a esperança futura de Israel e do mundo inteiro. Com estes dois sinais a profecia aponta para o surgimento da monarquia dravídica: Davi era a "estrela" que o profeta estrangeiro estava profetizando e o homem, ao qual se daria o "cetro" do reino unificado de Judá e Israel.

2. Balaão, o Messias e João Batista: Mateus 21,23-27

O Batismo de João Batista, de onde vinha?

No judaísmo tardio esta profecia foi vista como um anúncio do Messias, que seria um rei, um ungido de descendência davídica, "um filho da estrela". Está está no fundo do relato dos magos e na estrela que veremos em Mt 2,1-10, em especial na frase: ***"Vimos sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo"*** (v.2b). Para o rei moabita, Balac, não funcionou o plano de guerra, mais, ao contrário, Deus fez de seu inimigo um instrumento de bênção. Igualmente, no caminho de Jesus, já desde seu nascimento, como, efetivamente, aconteceu com o rei Herodes, apresentar-se-ão novos e perigosos adversários.

No Evangelho de hoje as máximas autoridades judias se põem no caminho de Jesus para questionar, hipocritamente, sua autoridade. Mas Jesus transforma o ataque a Ele em um sério questionamento à atitude religiosa dos líderes de Israel que não levaram João Batista a sério, daí que tenham desacreditado também de sua autoridade. De novo, hoje a figura de João Batista aparece em primeiro plano na pergunta de Jesus: ***"O batismo de João, de onde era, dos céus ou dos homens?"***(v.25).

A bela história do profeta Balaão, cujo ministério oscila entre os interesses "dos homens" e os do "céu", serve de pano de fundo ao ministério do último dos profetas que preparou o caminho

ao Senhor e nos questiona sobre as reviravoltas que fazemos para não levar a sério a Palavra que vem de Deus.

2.1. Entender a João para entender a Jesus

O texto de hoje nos mostra uma cena singular: Cristo responde uma pergunta com outra e junta sua resposta à de quem o pergunta. Parece um jogo ou modo elegante de fugir ao assunto comprometedor, mas deve haver algo mais profundo aqui. Jesus não pergunta qualquer coisa; pergunta-os por João.

É possível que o sentido de sua pergunta seja algo como: “entenderam vocês a mensagem de João?”. Pois quem não entende a mensagem do arrependimento não entende a mensagem da graça. A graça é indiferente a quem crer que não a necessita. O alimento não significa nada para quem não tem fome.

2.2. Um cetro se levanta

Note bem, se o olhar inspirado de Balaão foi necessário para reconhecer, nesses israelitas esfarrapados, uma semente de majestade e realeza, necessita-se, do mesmo nodo, de um olhar inspirado para reconhecer, em Jesus, o Messias esperado.

Aquelas autoridades não podiam ver, em Jesus, o Messias e, por isso, o perguntam pela autoridade que preside e governa sua vida. Eles estabelecem o dialogo em termos de seu poder e querem saber que poder está aí em contraposição ao deles. Julgam a Jesus a partir de seus interesses, quer dizer, a partir do desejo e da convicção de possuir uma autoridade sem discussão. Isto é, precisamente, o que os faz cegos. Cegueira é buscar ver o que se quer ver.

Observemos que o apelativo que Balaão utiliza para referir-se a seus próprios olhos é um pouco forte a nossos ouvidos: “varão de olhos penetrantes”, diz uma tradução. Tirando a vaidade que podem conter estas palavras, isso é o que necessitamos para encontrar e descobrir Jesus: olhos penetrantes. Olhos que saibam penetrar o muro de nossas próprias conveniências e a barreira de nossos desejos míopes.

Cultivemos a semente da Palavra no profundo do coração:

- 1) De vez em quando vemos como Deus faz giros estranhos, nos quais um inimigo pode converter-se em amigo, assim como Balaão. Posso constatar em minha vida ou comunidade algum caso?

- 2) O rei Balac se valeu da religião para tentar abençoar a guerra e implorar o castigo contra os adversários. Isto é válido?

- 3) Como entendemos o símbolo da “estrela” que se coloca nestes dias nos presépios, nos arranjos e em outras decorações natalinas?

É um simples objeto decorativo?

- 4) A serviço de quem está meu compromisso profético no mundo?

- 5) Com alguma frequência se ouve dizer: “as coisas se tomam segundo a ótica dos que vêem”. De onde vem a Palavra que leio na Escritura e como devo recebê-la?

Sf 3,1-2.9-13 – Mateus 21,28-32

UMA GRANDE TRANSFORMAÇÃO NO MUNDO A PARTIR DOS HUMILDES

"Eu deixarei no meio de ti um povo humilde e pobre, e no nome de Iahweh se cobiçará"

Antes de concentrarmos nos relatos evangélicos relacionados com o nascimento de Jesus, leiamos hoje a última *da série de profecias que nos colocam ante o esplendor da vinda do Senhor*, a qual ocorre discretamente em todos os momentos da história e a qual se consumará ao final dos tempos. As profecias que temos lido desde o início do advento nos colocaram frente às grandes ações salvíficas, mas também nos mostram que nos corresponde fazer. Enquanto muita gente está agitada nestes dias, pelas festas, a nós corresponde pesquisar, com amor, os motivos da festa, pelos caminhos da Palavra.

1. A Profecia: Sofonias 3,1-2.9-13: A salvação messiânica é prometida a todos os pobres

Vale a pena ler cuidadosamente a profecia de hoje e alimentarmos-nos dela neste dia, em nossa oração. O texto tem três partes: **"De costas para Deus: o pecado"** (vv.1-2); **"Deus restaura seu Povo: a salvação"** (vv.9-10); **"O novo povo, cujo modelo são os humildes e pobres que captam o projeto de Deus"** (vv.11-13).

1.1. De costas para Deus: o pecado (vv.1-2)

O "ai" inicial tem sabor de lamentação. A dor interna é profunda. Está a ponto de deixar que se veja as lágrimas de Deus nos olhos do profeta que contempla a ruína da cidade. O tecido urbano de Jerusalém, chamado a ser modelo das relações de justiça, foi descomposto pela corrupção de seus líderes.

O profeta descreve, desde a ótica de Deus, a dolorosa situação da cidade com três apelativos (ver v.1):

- **"Rebelde"**: Como uma pessoa imatura que se move ao sabor dos impulsos, o critério de ação é o capricho, e não o projeto de Deus; no fundo há uma tremenda arrogância humana;
- **"Manchada"**: Distante de Deus coloca o povo em situação de impureza, apta para qualquer tipo de pecado;
- **"Opressora"**: O pecado se mostra em diversas formas de egoísmo e nega o caminhar comunitário, predominam os interesses dos que detêm o poder e a fraternidade vira dominação de uns sobre outros. Atrás destes apelativos há uma realidade mais profunda que a origina: a rejeição a Deus.

O profeta a expressa com duas frases, cada uma com dois negativos:

- **"Não tem escutado..."**: Trata-se do "não" à Palavra de Deus, não há abertura nem docilidade;
- **"Não tem colocado sua confiança... não tem se aproximado"**: Trata-se do "não" à Pessoa de Deus, estabelece-se uma distância dele para não envolvê-lo na própria vida.

Este é o panorama inicial sobre o qual o profeta Sofonias, depois de assegurar o julgamento de Deus (ver os vv.3-8), proclama a obra salvífica de Deus.

1.2. Deus restaura seu Povo: a salvação (vv.9-10)

Apesar de seu pecado, Deus não abandona aos que tem chamado e ama. O profeta acentua três iniciativas de Deus que dão um giro à situação inicialmente descrita: **"purifica"** (v.9); **"extirpa"** as causas da rebeldia (v.11); e **"deixa"** na cidade "um povo humilde e pobre", a partir do qual realiza o projeto de comunidade (v.12).

A primeira ação positiva de Deus é o núcleo da segunda parte da profecia: **"Tornarei puro os lábios dos povos"** (v.9). Trata-se de uma obra realmente restauradora, pois da purificação sai um povo justo.

Lendo muito devagar os versículos 9 e 10 se nota como se reconstrói o povo de Deus:

- (a) **"Invocam o nome de Iahweh"**: O povo, antes orgulhoso, agora confessa a fé; com os lábios purificados reconhece a Pessoa de Deus; confessa-o como seu Deus e suplica-o com confiança.
- (b) **"Servem-lhe sob um mesmo jugo"**: como consequência da aceitação do senhorio de Deus, aceitam seu projeto. Já não primam pelos interesses de uns sobre outros, mas há "comunhão" de interesses em Deus.
- (c) **"Da dispersão me trarão oferendas"**: A "dispersão" se torna "congregação" em Jerusalém; neste vir os dispersos não regressam só, mas trazem com eles os povos pagãos. A conversão do povo atrai a todos que o rodeiam. "A oferenda" é sinal externo da comunhão de todos em torno de Deus.

A soberba torna-se humildade, pela entrega total a Deus. A dispersão causada pelo conflito de interesses torna-se comunhão, graças à purificação profunda que remove todos os distanciamentos.

1.3. O novo povo, cujo modelo são os humildes e os pobres que apreendem... (vv.11-13)

As iniciativas de Deus continuam, segundo indicamos acima. Mas, na terceira parte desta profecia a ênfase se põe na nova situação do povo restaurado por Deus; o profeta retrata **"Aquele dia"** (v.11^a). A frase principal é **"... já não terás que envergonhar-te de todos os delitos que cometeste contra mim"** (v.11b). A "vergonha" de que se fala aqui é como o que sente um pai, ou uma mãe, de família, quando um filho comete uma falta grave e pública, convertendo-se em motivo de escárnio e comentário por parte de quem o conhece. Segundo a palavra profética "Aquele dia" (o dia esperado), não há lugar para vergonha nem confusão no meio do povo de Deus. Não deve haver motivo de queixa nem lamentação de ninguém contra ninguém, nem sinais de obscuros e humilhantes quadros de pecado. O profeta aprofunda, em seguida.

Há dois "porque", nos quais o ouvinte da Palavra de Deus deve reparar: (a) **"Porque tirarei"** (v.11c); e (b) **"Porque deixarei"** (v.12). Observemos, sobretudo, a contraposição dos verbos.

a) O primeiro verbo, "tirarei", na realidade é "extirparei"

Porque não se trata tanto do tirar do meio a alguém (a Bíblia de Jerusalém traduz: "tirarei teus alegres orgulhosos"), mas de ir às causas dos comportamentos maléficos para a sociedade ("extirparei tuas soberbas bravatas", como soa literalmente em hebraico). Segundo isto, não há mais motivo de "vergonha", porque houve "perdão" real. Por trás desta afirmação profética está a noção bíblica do perdão, que não consiste na desculpa por uma falta cometida, mas em uma transformação de fundo daquilo que a origina, em uma purificação do mal. Portanto, não há lamentação, simplesmente porque não há pecado.

b) O segundo verbo, "deixarei", descreve a ação criadora de Deus

Tira luz da escuridão, reconstrói a comunidade e restaura sua vitalidade a partir de um "grupo semente", que é modelo e força de transformação. O profeta chama **"Resto de Israel"** (v.13^a). Trata-se do povo humilde que, acima de tudo, se mantém firme em sua fé, que encontra em Iahweh seu refúgio. Sua fé tem mais força que o poder dos líderes que, apoiados na rocha firme do "monte santo" (v.11d) de Deus, encontravam força para cometer seus delitos.

Ao contrário dos que se aferram ao poder que controlam no "monte santo", o "Resto de Israel" se apóia no próprio "nome de Iahweh", o qual indica uma abertura a suas exigências éticas. A partir do exemplo deste **"povo humilde e pobre"** (v.12b), todo o povo está chamado a mudar sua conduta. Ao início desta profecia, exatamente por seu orgulho, o povo não aceitava a correção (vv.1-2).

Agora, em três "não" se aponta a comunhão com o querer de Deus: a vida e a comunidade fraterna: **"Não cometerão mais injustiça"; "Não dirão mentiras"; "Não mais se encontrará em sua boca língua embusteira"**.

A ênfase na eliminação da mentira faz referência aos "lábios purificados" (v.9), o qual tem uma consequência positiva na vida social:

- (a) Do ponto de vista negativo: não há projetos ocultos que favoreçam os interesses de poucos;
- (b) Do ponto de vista positivo: a transparência da comunicação edifica a comunidade (ver o contrário no relato da torre de Babel, Gn 11,1-9, e o contrário em Pentecostes, At 2,1-13).

A comunidade se forma na aprendizagem de uma linguagem comum. Ao ser purificado de sua soberba, o povo aprenderá uma linguagem comum (=projeto de vida compartilhado), viverá caminhos de crescimento comunitário, sem encontrar obstáculos em sua realização histórica: **"Apascentar-se-ão e repousarão, sem que ninguém os perturbe"** (v.13c).

2. João Batista e o resto de Israel: Mateus 21,28-32: Veio João, e os pecadores creram nele.

O texto do Evangelho de hoje faz eco à profecia de Sofonias. Jesus diz que **"Veio João por caminho de Justiça"** (v.32). O evangelista Mateus, em sintonia com o pensamento do Antigo Testamento, entende por "justiça" a comunhão de vontade com Deus, de onde se desprende todo comportamento "justo" nas relações sociais e no uso dos bens da terra.

João se deparou com a parede insustentável do orgulho das autoridades religiosas que se mantiveram em sua soberba (apoiada na religião) e não se abriram à conversão. A rejeição

do profeta ("**nem vendo-o vos arrependestes depois, para crer nele**"), foi o modo que encontraram de esquivar-se ao chamado à mudança de comportamento que lhes era exigido.

Ao contrário, um povo novo, que percorre caminhos de justiça, aberto à vinda do Messias pregada pelo Batista, surge como criação de Deus. Trata-se de um povo cuja "semente" é "**publicanos e rameiras**" que deixaram seu orgulho de lado para entrar, humildemente, em um caminho de conversão e viver segundo o querer de Deus.

Um punhado de gente pobre e humilde

Às portas da celebração da vinda de Cristo é bom recordar duas coisas: primeiro, que tipo de pessoas estarão prontas a recebê-lo: "**um punhado de gente pobre e humilde**", conforme a descrição de Sofonias; segundo, que espiritualidade implica este fato e que significa para nós como Igreja. Observemos que o povo se viu dizimado por fatores essencialmente externos, sobretudo o desterro. Mas uma leitura profunda desse fato externo levou-os à consciência de um fator interno, o pecado. Assim vieram a entender que haviam sido infiéis, como expressamente o denuncia Sofonias.

E é interessante notar que esta mesma realidade do pecado vem como a "irmanar" os judeus e os não judeus, quer dizer, ao povo eleito, o povo da aliança, com os demais povos. Porque, se a Israel se chama "infiel", aos que desterraram a Israel se chama "cidade potente e opressora." Não são melhores os judeus, porque foram infiéis, nem são melhores os pagãos, porque oprimem. Esta espécie de irmandade no barro do pecado será muito importante como elemento de pregação para Paulo, por exemplo, quando diz: "**E daí? Levamos vantagem? De modo algum. Pois acabamos de provar que todos, tanto os judeus como os gregos, estão debaixo do pecado**" (Rm 3,9).

Não para ficarmos na amargura de uma desgraça universal, mas para mergulharmos em uma graça que a todos se prega em Cristo, pois o próprio Paulo disse pouco mais adiante: "**Portanto nós sustentamos que o homem é justificado pela fé, sem a prática da lei. Ou acaso ele é Deus só dos judeus? Não é também das nações? É certo que também das nações, pois há um só Deus, que justificará os circuncisos pela fé e também os incircuncisos através da fé**" (Rm 3,28-30).

Por outra parte, notemos como esta gente humilde e pobre, porém ao mesmo tempo capaz de verdade, é uma verdadeira ponte entre o Antigo e o Novo Testamento. Sofonias anuncia que este "*Pequeno Resto*" será a herança de Deus e, se miramos o Evangelho o que encontramos é que Maria, José, Ana, Simeão e todos eles, e também a maior parte das multidões que se apertam para escutar o Mestre são claros representantes desse grupo de humilhados e, ao mesmo tempo, fiéis.

E a nós, como Igreja, que nos ensina tudo isto na fase final do Advento? Ensina qual a espiritualidade dos que aceitam o Senhor e compreendem sua mensagem. Cristo não será um mestre que domina com sua lógica, nem um tecnocrata que pretende aplicar as conclusões de sua fria análise. Cristo não será um líder de sedutora eloquência, nem um comerciante de sonhos. Será o humilde entre os humildes, o pobre entre os pobres, e também o verdadeiramente fiel entre os que buscam ser fiéis a Deus.

O que conta verdadeiramente

O Evangelho de hoje é uma bela oportunidade para meditar no sentido da fidelidade. Logo nos ensina que há uma fidelidade de palavras e outra de obras. E que a que conta é a das obras. Esse ensinamento fica claro. Porém, há outro ensinamento que está sugerido e que pode também nos servir muito. Observemos que o segundo filho teve a fidelidade das obras, porém também a rebeldia em suas palavras. Que nos indica isto? Indica pelo menos duas coisas:

Primeiro, Jesus não está falando de forma abstrata ou geral. Aqueles que dizem 'sim' ao encargo do pai e logo não o fazem correspondem aos fariseus ou aos escribas, que têm em alta estima porque conhecem muito bem o que Deus quer e fazem alarde de cumpri-lo. Jesus os está denunciando com esta parábola.

Ao contrário, os pecadores, os quais o Senhor exemplifica com o mais baixo da sociedade de seu tempo, ainda que não digam que fazem coisas boas acabam sendo melhores crentes e se abrem mais à proposta da graça, à qual o próprio Senhor traz com sua pregação e suas obras. De onde entendemos que o objetivo primordial da parábola não é opor obras e palavras, mas denunciar a mentira dos que crêem que são bons pelo que mostram, enquanto por dentro não são como se mostram.

Por outro lado, deste exemplo podemos aprender que os tempos maus na vida não são necessariamente tempos malditos ou desperdiçados. De uma atitude tão rebelde como a do segundo filho pode sair um momento de reabilitação e conversão. Porque tenhamos dito com força e aparente segurança "não quero", não quer dizer que já estamos condenados.

Deus pode dar arrependimento. De fato, se pode pensar, inclusive que essa mesma rebeldia explícita pode servir como um meio para conhecer-se alguém e para descobrir a verdade, horrenda, porém certa, da própria insolência. Quantos ateus e quantos hereges conheceram a bondade de Deus depois de aterrar-se um dia da feiúra de seu coração perverso?

Por isso não devemos desesperar de nossos erros passados nem das conversões que Deus possa fazer em outros e em nós.

Cultivemos a semente da Palavra no profundo do coração:

- 1) Quais são os motivos de “vergonha” em minha vida pessoal, em minha comunidade e em meu país? Qual é o quadro obscuro do pecado que emerge da soberba humana?
- 2) Em que consiste o “orgulho” e em que consiste a “humildade” na profecia de Sofonías? Como submete Deus ao “orgulhoso” e exalta ao “humilde”?
- 3) Neste advento que mudanças profundas esperamos que opere a vinda do Senhor? Que esperamos poder viver em nossa família, em nossa comunidade eclesial e em nossa sociedade?
- 4) Como entender o “Resto de Israel” hoje? Que pista nos dão os Evangelhos? Há alguma luz a respeito nos relatos da natividade?
- 5) Que interpelação me fazem os “*humildes e pobres*” cuja força é a fé, e também os “*publicanos e rameiras*” que deram seu “sim” à Palavra de Deus? Qual é o primeiro passo para participar da obra de Deus no mundo?

QUARTA-FEIRA

Is 45, 6b-8.18.21b-26 - Lucas 7,19-23:

UM MESSIAS COM CREDIBILIDADE

"Ide e contai a João o que tende visto e ouvido"

Isaias 45 é uma das profecias de Isaias que o Advento teve mais em conta. A renovação messiânica é anunciada como uma «primavera». A natureza inteira se renova e participa da eclosão do Messias.

Uma vez mais, ouvimos essa revelação constante da Bíblia. A humanidade não pode ser feliz, sem que a natureza obtenha dela um benefício. A terra ressequida recebe um «orvalho» que a faz "fecunda" e as ramagens brotam de todas as partes.

Assim se apresenta Deus em Isaias, quando se declara "criador" para garantir-nos o cumprimento de suas promessas: **"Eu sou Yahweh, não há nenhum outro! Eu formo a luz e crio as trevas... sim, eu, Yahweh, faço tudo isto" (vv.6c-7).**

Uma pessoa que se apresenta em primeira pessoa e dá conta de suas obras é uma pessoa acreditável.

"Eu, o Senhor, criei tudo isto!". Assim fala o Senhor, o Criador dos céus. Que modelou a terra e a formou. **"Não a criou como deserto, mas modelou-a para ser habitada"**.

Isto fundamenta o convite feito ao final deste mesmo relato do profeta Isaias: **"Voltai-vos a mim e sereis salvos"** (45,22a). Em termos similares se apresenta Jesus Cristo, quando é interrogado pelos discípulos de João Batista, em seu nome.

Com efeito, João Batista, chamando a dois de seus discípulos, enviou-os a Jesus para que o fizessem esta pergunta: **"És tu aquele que há de vir, ou devemos esperar outro?"**

É necessário captar primeiro o drama profundo que encerra esta pergunta. João Batista é um homem que, como muitos de seus contemporâneos, esperava com ardente intensidade um Messias triunfador e purificador pelo fogo.

Dizia: **"Ele vos batizará com o Espírito Santo e com o fogo. A pá está em sua mão; limpará a sua eira e recolherá o trigo em seu celeiro; a palha, porém, ele a queimará num fogo inextinguível"** (3,16b-17). Estas eram as palavras cheias de ardor com as quais João Batista havia anunciado anteriormente o Messias.

Sim, Ele é o Messias, **"o que há de vir"** (Lc 7,19).

A carta de apresentação de Jesus Cristo são suas obras.

A lista das façanhas de Jesus termina com o fato de que **"anuncia aos pobres a Boa Nova"** (7,22). No meio deles está se realizando uma obra criadora que manifesta o poder do Deus do Reino.

Jesus podia ter continuado a lista, porém, o enunciado era apenas um sinal. Em cada ação de Jesus se fazem verdadeiras as palavras de Isaias: **"Gotejai, céus, como orvalho do alto, derramai, nuvens, a vitória. Abra-se a terra e produza salvação"** (45,8).

A bem-aventurança final, **"É feliz aquele que não ficar escandalizado por causa de mim!"** (Lc 7,23), felicita a todo aquele que se abre, sem resistências, ante a revelação da salvação de Deus através de Jesus de Nazaré.

Sendo esta a primeira vez que João Batista e Jesus se cruzam por palavra, desde o batismo no Jordão, notamos que até mesmo o profeta do Advento necessitou da consolação do Messias.

Cultivemos a semente da Palavra no profundo do coração

- 1) Quais os sinais que posso constatar hoje e, pelos quais, Jesus pode ser reconhecido como o Messias?
- 2) Qual é minha carta de apresentação como cristão?
- 3) Quais são os sinais distintivos de que estou no caminho do Senhor?
- 4) Jesus foi, alguma vez, motivo de escândalo para mim? Por quê?

QUINTA FEIRA - Gn 49,2.8-10 – Mateus 1,1-17

AS ORIGENS DE JESUS (I): NA HISTÓRIA DA SALVAÇÃO

"Jacó gerou a José, o esposo de Maria, da qual nasceu Jesus, chamado Cristo"

Este é o primeiro dia da oitava de preparação do Natal do Senhor. A liturgia nos recorda hoje um oráculo do patriarca Isaac sobre a tribo de Judá quando dava a conhecer o seu testamento para seus doze filhos/tribos no momento de sua morte.

1. No testamento de Jacó, já presente a figura do Messias (Gn 49, 2.8-10)

❖ ***"... de ti sairá um rebento que será pastor de meu povo Israel"***

O velho patriarca Jacó, se encontra convencionalmente no Egito com seus filhos e já próximo a morte. Jacó concede sua bênção, que é sua herança. Com as palavras de sua bênção levanta o véu do futuro e assim a sorte de cada filho está como fundada na poderosa palavra do patriarca que fala em nome de Deus. A força dessa bênção é a mesma que a da palavra de Deus.

Não é o primogênito – Rubén –, nem o segundo – Simeão –, nem o terceiro – Levi –, os "herdeiros da promessa", mas o quarto, Judá. Jesus nascerá da tribo de Judá, na Judeia, em Belém. Um descendente de Judá reinará, não só sobre as demais tribos do povo eleito, como Davi, mas sobre todas as nações.

Herodes consulta aos sacerdotes e escribas: ***"Em Belém de Judeia, porque assim está escrito: E tu, Belém, terra de Judá, não és a menor entre as principais tribos de Judá, porque de ti sairá um rebento que será pastor de meu povo Israel"*** (Mt 2, 5-6). O anjo anunciou a Virgem Maria: ***"Ele será grande e será chamado Filho do Altíssimo e o Senhor Deus o dará o trono de Davi, seu Pai: reinará sobre a casa de Jacó pelos séculos e seu reino não terá fim"*** (Lc 1,32-33)

2. As origens de Jesus dentro da história (Mateus 1, 1-17)

O Evangelho de hoje nos remete até as origens de Jesus dentro da história. Partamos desta base: no oriente — como acontece também, ainda hoje, nos povos africanos — uma pessoa que não conhece sua árvore familiar (genealógica) é uma pessoa perdida no mundo. A família e a tribo à qual se pertence é uma referência importante para construir a própria identidade.

A genealogia que acabamos de ler afirma a identidade de Jesus, enquanto Messias, em meio de seu povo. Como quem disse: Jesus não veio ao mundo como um "meteorito" caído do céu, mas, muito bem inserido dentro da história humana, que é uma história de famílias. Por isso, neste caminho de preparação imediata, para o Natal, a primeira coisa que devemos fazer é situar Jesus no meio de seu povo, no amplo contexto histórico, ao qual pertence e, dentro do qual, Ele tem um posto especial.

O colorido da genealogia de Jesus:

A leitura soa, à primeira vista, um pouco monótona (ao menos 39 vezes se repete a frase: "tal pessoa gerou a tal pessoa"), porém, na realidade, não é assim, na lista dos descendentes se apresenta uma série de acentos que dão colorido à leitura. Ao ler, sem pressa, a genealogia, vamos descobrindo que está feita de muitas gerações, de pessoas concretas com destinos concretos, de conexões e de sucessos, algumas vezes, irregulares, porém, é do jeito que é toda história humana.

Chama-nos a atenção, por exemplo, a presença de algumas mulheres, o que não é habitual nas genealogias, bem como as suas cartas de apresentação, que não são lá muito regulares: Tamar (a nora incestuosa de Judá), Rajab (a prostituta de Jericó), Rute (uma estrangeira) e a mulher de Urias (com quem Davi cometeu adultério).

Vemos que não é, necessariamente, o ideal de família que qualquer um queria ter. Porém, tudo se compreende melhor quando chegamos ao ponto final da lista. O Messias, que coroa esta lista de gerações e pessoas, cura a história familiar de seu povo. Ele brota de um terreno histórico-familiar no qual não falta um ou outro pecado, porém, é aí que Ele é o Salvador.

A conexão familiar com Abraão e com Davi

O Evangelho inicia dizendo: ***"livro das origens de Jesus"***, a quem confessamos como o Messias (Mt 1,1). E aprendemos em seguida que é através de toda esta longa história do povo de Israel, que Jesus se liga a Davi e Abraão, respectivamente, o rei que inicia a dinastia e o patriarca que origina o povo.

- **Jesus e Abraão:** A lista de antepassados de Jesus põe a raiz desta no patriarca Abraão, já que se trata da origem de um povo que foi criação de Deus, nascido da fé na promessa do Senhor. Com o chamado de Deus a Abraão começou um novo caminhar histórico de Deus na história da humanidade e, por meio dele bendiz todas as nações da terra (cf. Gn 12,1-3).

Jesus é o filho de Abraão, no qual se realiza esta promessa da bênção. Em seguida segue uma lista de 14 gerações (7+7: 2x a plenitude).

- **Jesus e Davi:** A lista toma impulso pela segunda vez a partir do rei Davi (v.6b). Inicia assim a genealogia dos reis. A conexão não é estranha porque Jesus é confessado no Evangelho como "o **Cristo**" (= "ungido"). O termo "Cristo" tem que ver com uma das designações do rei de Israel (cf. 1 Sm 9,26-10,1). Porém, claro que isto não quer dizer que Jesus seja qualquer tipo de "rei". Recordemos que a Davi Deus prometera que sua casa e seu reino durariam para sempre (cf. 2 Sm 7, 16). Esta promessa se realiza em Jesus, enquanto filho de Davi. Jesus, então, é o último e definitivo Rei e Pastor (cf. Mt 2,6) do povo de Israel, prometido e enviado por Deus, esperado pelo povo.

O cálculo final:

Na genealogia de Jesus em Mateus não só uma enumeração de nomes, muitos deles desconhecidos para nós, também o número das gerações tem um sentido. Se observarmos os vv.12-16, notamos que, após as listas que vão de Abraão a Davi, Mateus põe uma terceira lista que parte do exílio da Babilônia e culmina em Jesus. Resulta, assim, em três pequenas listas, cada uma de 14 gerações. E se temos em conta que "14" é a soma de 2x7, e que 7 indica perfeição, vemos, claramente, que Mateus está dando uma mensagem com números (7+7=plenitude).

Jesus é a plenitude da história da salvação:

Este cálculo que o evangelista faz ao final da lista das gerações (1,17), nos faz-nos notar que esta história não é algo disposto pelo acaso, mas uma série de acontecimentos dispostos por Deus. O curso desta história foi querido por Deus e Ele mesmo a orientou, até sua culminação no Messias (1,16).

Portanto, toda a história tem seu sentido maior em Jesus. Tudo o que vem antes, prepara sua chegada e com esta começa o tempo da plenitude e o cumprimento da promessa. Jesus é o ponto culminante e o cumprimento do agir de Deus, com seu povo. Notemos ainda que a série de gerações interrompeu-se de repente em Jesus. Não se diz: "José gerou Jesus", mas (ver 1,16). Quer dizer, que José, esposo de Maria, não o pai carnal de Jesus. Portanto, a genealogia termina com um enigma: de onde vem Jesus, se não é o filho de José? Este enigma se resolve na leitura de amanhã.

Enfim, hoje aprendemos que Deus realiza suas promessas em Jesus. O que começou com Abraão, Deus o levou a término com Jesus. Jesus está profundamente enraizado na história de Deus com seu povo porque provém dele na carne. Precisamente, nessa carnalidade estão assumidos e redimidos os pecados desta história. As buscas mais legítimas do povo que, progressivamente, foi compreendendo o plano de Deus, encontram o repouso n'Ele, porque Ele é seu fim e seu cumprimento!

Cultivemos a semente da Palavra no profundo do coração:

- 1) Por que lemos a genealogia de Jesus neste contexto de preparação para o Natal?

Qual a mensagem?

- 2) Como foi minha história familiar?

Que Jesus vem a salvar?

- 3) Que relação tem Jesus com Abraão e Davi?

Que tem que ver esta conexão familiar comigo?

SEXTA-FEIRA

Jr 23,5-8 – Mateus 1,18-24

AS ORIGENS DE JESUS (II): UM NOVO COMEÇO PELA OBRA DO ESPÍRITO SANTO

"O gerado nela é do Espírito Santo. Dará a luz um filho, e tu lhe porás por nome Jesus, porque ele salvará a seu povo de seus pecados"

Este é o segundo dia da oitava de preparação do Natal do Senhor. A liturgia nos recorda hoje uma profecia cheia de esperança do profeta Jeremias, o qual profetizou no século VII a.C.

1. A profecia: Reinará como rei prudente e administrará justiça e direito na terra: Jr 23,5-8

- **«Eis que virão dias em que suscitarei a Davi um germe justo»**

Esse oráculo do profeta Jeremias está inserido em um contexto de duras condenações por parte dos reis de Judá. A dinastia davídica está em plena decadência, e suscita a cólera de Deus (Jr 21 e 22): incapacidades, injustiças sociais, alianças idolátricas, crimes políticos, má conduta pessoal... O panorama é muito negro.

Os judeus do tempo de Jeremias, gostavam, como nós, de referir-se ao passado: "antes se fazia isto... Uma vez Deus fez com que os filhos de Israel saíssem do país de Egito... Jeremias reage. Nunca mais se dirá isto. Porque, é HOJE que Deus liberta da escravidão o seu povo; é HOJE que Deus reúne seus filhos dispersos e os instala em sua própria terra.

"Eis que virão dias...". O futuro misterioso que iniciará este varão legítimo - o Messias- será de tal magnitude, que o grande acontecimento do Êxodo, ponto chave na história do povo, se converterá em simples recordação típica desta nova libertação de todas as escravidões humanas. O varão se chama Jesus, que quer dizer Salvador. Assim é que na humanidade pecadora há um varão legítimo, um germe justo, um germe de Deus. Na dinastia de Davi, tão condenável, há um germe de Messias.

Conhecendo o curso da história e o progresso da revelação, nós sabemos que esta esperança e promessa de Jeremias só em Cristo se cumpriu e de um modo que ultrapassou infinitamente todas as previsões humanas. Deus não só tem sido nossa justiça, mas, inclusive também presença e ação salvadora. Se fez "Deus conosco": Emanuel.

Com efeito, nenhum rei do Antigo Testamento cumpriu estas promessas. Por isso, tanto a passagem de Jeremias como o salmo, se orientaram, claramente, para a espera dos tempos messiânicos. Nós, os cristãos, os vemos cumpridos plenamente em Cristo Jesus.

2. O Espírito Santo está na origem da vida humana de Jesus: Mateus 1,18-24

Nossa leitura de ontem deixou pendente a pergunta: De onde vem Jesus? A passagem de Mateus 1,18-24 responde: Jesus não deve sua existência a uma geração humana, mas á obra criadora de Deus.

A idéia central da passagem está sublinhada nos versículos 18 e 20: **"O gerado nela é obra do Espírito Santo"**. Tanto é assim, que, ao final da passagem, se realça que José não teve nada a ver com o nascimento do menino, que Jesus não é o resultado de uma relação conjugal entre José e Maria: **"E não a conheceu até que ela deu a luz um filho"** (v.25).

Jesus não é filho de José, mas criação do Espírito Santo. Portanto, não é o fruto natural desta historia humana, não depende unicamente da serie de gerações e dos nascimentos humanos que vimos ontem. Jesus é o cumprimento, e, ao mesmo tempo, um começo completamente, novo, realizado pelo poder criador de Deus. Esta é a "origem" de Jesus, como disse o primeiro versículo do relato de hoje: **"a geração de Jesus Cristo foi desta maneira"** (1,18).

Observemos mais de perto nos pontos principais do relato:

Uma situação difícil na relação de casal de José e Maria (vv.18-19)

Notemos duas frases importantes:

- **"Maria estava desposada com José"** (v.18b). Segundo o direito hebreu, os futuros esposos são considerados como Marido e Mulher, porém, não convivem, até um ano depois de ter se comprometido. Este período de tempo se chama "o desposório". Só depois a mulher é levada à casa do esposo para iniciar a vida conjugal.
- **"Encontrou-se grávida por obra do Espírito Santo"** (v.18c). Precisamente, nesse período José descobre que Maria está grávida e toma a decisão de repudiá-la em segredo. É tanto, o amor de José por Maria, que não a quer expor à pena de morte, por um suposto adultério. Ele decide deixar viver a Maria e realizar-se com sua nova família.

Deus muda os planos de José e o põe a serviço de seu plano de salvação (vv.20-23):

O Senhor intervêm e envolve José em seu plano. Dá-lhe, como tarefa, o tomar consigo a Maria e dar nome ao menino. É, assim, que José se responsabiliza da vida de Maria e da do menino, reconhecendo-os, ante a Lei, como seus legítimos, mulher e filho. E, visto que José assume a paternidade legal de Jesus, o menino se converte em seu herdeiro e, assim, entra na genealogia davídica, levando a história da salvação a seu cume e cumprimento.

No fundo de tudo está a obra de Deus: Com relação a Jesus a tarefa de José é esta: **"Tu lhe porás por nome Jesus"** (1,21). O próprio Deus, que dá existência a Jesus, também lhe dá um nome e, neste nome, está implicada sua missão.

O nome: "Jesus" (em hebreu, Jeshua ou Jehoshua, que significa Deus é salvação). Na Bíblia, dar um nome significa dar uma nova vida que se realiza em uma missão. Na passagem que estamos lendo é Deus quem decide qual será o nome do menino, assim, fica claro que a existência e a missão de Jesus provem de Deus Pai.

A missão: "Ele salvará a seu povo de seus pecados" (A frase nos recorda o Salmo 130,8 onde disse: **"E Ele redimirá a Israel de todas suas culpas"**). Jesus Cristo é muito mais que um "filho de Davi", no sentido político ou militar, Ele é o salvador do homem, que recupera às pessoas perdidas, em seu afastamento de Deus, para trazê-las, de novo, à comunhão plena com Ele.

Com termos precisos, o evangelho de hoje, nos ensina que Jesus é o verdadeiro Messias, toma sobre seus ombros seu povo e o conduz à plenitude de vida. Para isso veio ao mundo. A missão de Jesus desce, até as raízes da vida humana, fazendo uma mudança profunda em nossa maneira de viver. Com este acontecimento, se realiza o que Deus anunciou pela boca dos profetas.

Em Jesus está Deus salvando ao homem. E este "estar" de Deus se resume no nome "Emanuel", que significa "Deus está conosco", o qual, expressa que, em Jesus se revela o rosto misericordioso de Deus, que nos ajuda e nos salva e, também, seu projeto amoroso para nós, os homens.

Deus não nos abandona. Na base da obra de Deus no mundo, está Jesus, a quem Ele lhe deu a existência, o nome e a missão. Jesus é a dádiva, o dom autêntico de Deus a seu povo para que não sofra mais com tanta maldade, para que viva, plenamente, na comunhão com Ele e com os irmãos, porque Ele é o "Deus que está conosco".

Cultivemos a semente da Palavra no profundo do coração:

1) A existência de Jesus não vem de geração humana mas da obra criadora de Deus. Que significa isto?

2) Que dons de Deus para a humanidade estão contidos no nome "Jesus"?

3) Qual é o dom mais importante que Deus me oferece neste Natal?

4) Que função tem o Espírito no originar-se terreno de Jesus?

Que lugar ocupa em minha vida cristã?

5) Qual é o sentido do nome de Jesus?

Que tem que ver comigo?

SEXTA-FEIRA

Jz 13,2-7.24-25^a – Lucas 1,5-25:

UM CASAL ESTÉRIL EXPERIMENTA A MISERICÓRDIA DE DEUS.

"Não temas, Zacarias, porque tua prece foi escutada; Isabel, tua mulher, dará a luz um filho, a quem porás o nome João; será para ti gozo e alegria, e muitos se alegrarão em seu nascimento"

Este é o terceiro dia da oitava de preparação do Natal do Senhor. A liturgia acolhe hoje um anúncio do anjo de Deus que aparece à mulher de Manoaj, que era estéril, anunciando-lhe um filho, o qual seria mais tarde um grande defensor do povo de Deus. Isto ocorreu na época dos juízes, período compreendido entre o século XII e XI a.C.

1. O anúncio do nascimento de Sansão: Jz 13,2-7.24-25^a

- ***"O menino será nazareu de Deus desde o ventre de sua mãe"***

Com efeito, a situação das tribos israelitas na terra prometida, depois que morreu Josué, não foi sempre tranquila. Em substituição a Josué surgiram juízes. Como os filisteus atacavam muito as tribos do sul. Deus, então, quis suscitar um homem para que defendesse seu povo diante dos filisteus.

Deste modo, a história de Sansão quer nos mostrar Deus em sua bondade e onipotência, o qual utiliza as criaturas humanamente inúteis para levar a cabo seu plano salvador. Quer nos mostrar também que este é sempre o proceder de Deus na história da salvação.

O interesse principal deste anúncio do nascimento de Sansão é ajudar a compreender que estes anúncios, de um modo muito concreto, ocorrem do mesmo modo para o anúncio do nascimento de Isaac (Gn 18,9-15), para o de João Batista (Lc 1,5-25) e o de Jesus (Mt 1,18-25).

Sempre, nestes casos, se apresenta um anjo ao pai para descrever-lhe a missão do filho anunciado; o pai responde descrevendo um obstáculo a superar (sua velhice e a esterilidade de sua mulher), o anjo replica apelando para um sinal que Deus fará para que ação na concepção seja acreditada.

Enfim, estes anúncios de nascimento terminam, com freqüência, num comentário sobre o nome dado ao menino.

2. A concepção milagrosa de João Batista, o precursor do Messias: Lucas 1,5-25

- ***"... será para ti gozo e alegria, e muitos se alegrarão em seu nascimento"***

Nos dois dias anteriores lemos o primeiro capítulo do Evangelho de Mateus. A partir de hoje começamos a leitura dos dois primeiros capítulos do Evangelho de Lucas.

Seguindo a ordem dos chamados "relatos da infância", veremos como a vinda histórica de Deus entre nós, em Jesus, é a resposta definitiva à longa esperança do povo de Israel. Após breve prólogo (vv.1-4) inicia-se o relato assim: ***"Nos dias de Herodes, rei de Judéia, um sacerdote, chamado Zacarias... casado com uma mulher descendente de Aarão, que se chamava Isabel"*** (v.5).

Uma vez que se menciona a época e se apresenta o casal Zacarias e Isabel, narra-se a concepção milagrosa de João Batista, o precursor do Messias. Relendo o texto podemos descobrir alguns pontos que o evangelista acentua, tais como:

1. A "Boa Nova" para um casal

Deus atua dentro da realidade concreta de um casal que tem todos os títulos para ser considerada "santa" (1,6), porém, que vê obscurecida a felicidade de seu lar por uma desgraça: não podem ter filhos, antes de tudo, por causa da esterilidade, porém, também, agora, pela idade avançada (ver v.7).

O anúncio que muda a rotina de Zacarias e Isabel, e que é, também, o começo de uma série de ações salvíficas de Deus, em uma nova e definitiva etapa da história, é qualificado de ***"Boa Notícia"*** (v.19).

Esta é a primeira boa notícia que se anuncia da parte de Deus. A alegria que vem da realização do enunciado, nós a vemos expressa nas palavras de Isabel ao final do evento: ***"O Senhor se dignou tirar meu opróbrio entre os homens"*** (v.25).

2. As atitudes de uma família que sabe esperar as promessas do Senhor

Já que o sacerdote Zacarias e o povo, em oração no Templo, representam Israel que espera a vinda do Messias, vejamos como suas atitudes correspondem às mesmas que devem ter uma pessoa que espera nas promessas do Senhor. Aprendamos deles estas três atitudes:

- ***Confiar no Senhor*** (vv.12-13). É o anjo que lhe diz *"não temas"*, convidando-o, assim, a deixar de lado o medo e a confusão que se sente quando não se vê claro o futuro, para confiar e ter segurança só em Deus. A espera deve estar sustentada pela confiança em Deus.

- **Orar ao Senhor** (vv.8-10.13). Na oração no Templo, Zacarias e o povo recordam a Deus seu pacto de fidelidade, seu compromisso para intervir por seu povo. Zacarias, como sacerdote, uniu a esta oração às expectativas concretas deste povo e, ainda, as suas próprias. Deus o escutou: *"Tua prece foi escutada"*. Também Isabel toma consciência do modo como Deus responde (ver 1,25).
- **Crer no Senhor** (v.20). O Anjo aparece a Zacarias, fala e dá-lhe um sinal: a mudez. A atitude de Zacarias, que merece a censura do Anjo —*"não deste crédito a minhas palavras"*—, é, exatamente, contrária à de Maria: *"Feliz a que creu, porque se cumpriram as coisas que lhe foram ditas da parte do Senhor"* (v.45). É preciso crer na eficácia da Palavra de Deus.

Estas três atitudes, que caracterizam estes personagens representantes da etapa final do longo advento do povo de Israel, têm um fundamento que está enunciado em uma promessa: **"Será para ti gozo e alegria, e muitos se alegrarão com seu nascimento"** (v.14).

O dom da vida que nasce traz "alegria" e "exultação" a quem o sabe acolher. A boa nova é convite à alegria plena e autêntica. E disto nos dá exemplo o povo que acolhe a obra salvífica de Deus ao longo de todo o Evangelho. Ver os casos: de Maria (1,48); dos parentes de Isabel (1,58); dos pastores e de todo o povo (2,19); dos discípulos (10,17); de Jesus (10,21)

3. O perfil do filho

A resposta de Deus à oração de Zacarias é o dom de um filho. Com este dom Deus não só respondeu à prece pessoal de um homem atribulado por não ter filhos, mas, também, à oração do povo no Templo que suplica a vinda do Messias. O menino que vem é o precursor do Messias: João. No relato de hoje vemos como se descreve cuidadosamente a pessoa e a missão de João.

• A pessoa de João

Notemos as quatro características de João que o Anjo Gabriel anuncia: (1) *"será grande"* (1,15a); (2) *"não beberá vinho nem licor"* (1,15b); (3) *"estará cheio do Espírito Santo já desde o ventre de sua mãe"* (1,15c); e (4) *"irá adiante... com o espírito e o poder de Elias"* (1,17). Observemos, sobretudo, como Deus prepara seus enviados. No caso de João, se vê que, já, desde o período pré-natal, Deus pousa sua mão sobre ele (1,66), para santificá-lo com seu Santo Espírito.

• A missão de João

A missão de João está anunciada nesta frase: *"preparar ao Senhor um povo bem disposto"* (1,17). "Bem disposto" quer dizer "aberto a Deus em um caminho de conversão". A missão de João consiste em fazer com que todos se interessem pela vontade de Deus e caminhem segundo seus critérios, dando, assim, uma orientação nova e profunda ao coração, na relação:

- Com Deus: **"a muitos dos filhos de Israel, lhes converterá ao Senhor seu Deus"** (1,16);
- Com os outros, em especial a familiar: **"fazer voltar os corações dos pais aos filhos"** (1,17). A conversão começa pela casa!

Com o anúncio do nascimento do precursor do Messias se avisa que está chegando o novo tempo longamente esperado. O grande gozo que inundou a vida de um casal de anciãos, Zacarias e Isabel, que acharam resposta as suas orações, será, também, o nosso, se damos continuidade às suas atitudes em nossas vidas.

Cultivemos a semente da Palavra no profundo do coração:

- 1) Como vivemos nossas situações negativas?

- 2) Que nos ensinam as atitudes de Zacarias?

- 3) Quais são as características da figura de João Batista e qual é sua missão?

E sob esta luz: Quais são as características de um Evangelizador?

- 4) Como acolho as boas notícias que o Senhor me dá através de sua Palavra (na Sagrada Escritura e pela voz de seus mensageiros)?

Autor: Padre Fidel Oñoro, CJM